



OLHARES AMAZÔNIDAS EM SUAS PAISAGENS

LOOKS AMAZÔNIDAS IN YOUR LANDSCAPES

Hudson Nascimento de Sousa Filho¹**Eliseu Pereira de Brito²****RESUMO**

A ordem de grandeza em área e as diversidades da flora e fauna fazem da Amazônia um domínio de paisagem importante no mundo e especialmente na América do Sul. A complexidade da sua paisagem e a escassez de estudos geográficos, ainda que tenha avançado no século XXI, faz da Amazônia um domínio de natureza a ser investigado em diversas áreas do conhecimento. Este ensaio são olhares construídos por estudos sobre a Amazônia e por vivências na região pelos pesquisadores. Apresenta-se reflexões diversas sobre a paisagem e as trans-formações e ocupação humana com análise da paisagem enquanto herança proposto pelo professor Aziz Nacib Á'Sáber. O objetivo foi construir um ensaio que tem como escopo principal a paisagem amazônica e suas diversidades. Para tanto, a problemática central focou na construção da paisagem e suas transformações. Para construir a pesquisa utilizou de fontes secundárias e de observações e descrições sobre o espaço amazônico e dos amazônidas na ótica da análise da paisagem como herança.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza, Trans-formações, Herança, Paisagem.

¹ Geógrafo formado pela Universidade Federal do Tocantins. Membro atuante em Ensino, Pesquisa e Extensão no Laboratório de Estudos Agrários e Direitos Humanos (LEADH) e no Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais na Amazônia (LEDTAM). Construindo pesquisas com estudos voltados ao Ordenamento Territorial da Amazônia (Legal) correspondente aos estados do Pará e Tocantins. Mestrado em andamento em Geografia pela Universidade Federal do Pará. Contato: hnascimento329@gmail.com

² Possui Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. É mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa GEGATO - Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins e Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos, Agrários e Regionais - NURBA/UFT. Pesquisador Externo do LABOTER/UFG. Desenvolve pesquisa sobre "Território e territorialidades das comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal - Tocantins" e sobre "Identidades Territoriais e Lugares tocantinenses. Desenvolve leituras no Grupo de Estudo sobre os "lugares" em Jôel Bonnemaison". Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína. Editor da Revista Tocantinense de Geografia. Contato: eliseubrito@mail.uft.edu.br

ABSTRACT

The order of magnitude in area and diversity of flora and fauna make the Amazon a most important domain of landscape in South America and the world. The complexity of its landscape and the scarcity of geographic studies, even though it has advanced in the 21st century, makes the Amazon a domain of nature to be investigated in several areas of knowledge. This essay are looks built by studies on the Amazon and experiences in the region. Diverse reflections on the landscape and the transformations and human occupation are presented with analysis of the landscape as a heritage proposed by Professor Aziz Nacib Á'Sáber. The objective was to build an essay whose main scope is the Amazonian landscape and its diversities. However, the problem focused on the construction of the idea of landscape as a heritage. To build the research, he used secondary sources and observations and descriptions about the Amazonian space and the Amazonians from the perspective of landscape analysis as an inheritance.

KEYWORDS: Nature, Transformations, Heritage, Landscape.

INTRODUÇÃO

No que concerne ao estudo da formação do espaço geográfico amazônico acredita-se ser necessário certa análise minuciosa da complexidade – ora geral máxime particular apresentando elementos da variabilidade entre as escalas local-regional – dos mosaicos de paisagens que formam o domínio paisagístico amazônico, sendo indispensável a compreensão de estudiosos pesquisadores amazônidas para esta árdua tarefa. Fator que nos leva a ter como objetivos, para se cumprir com a organização da presente pesquisa: compreender a ordem de grandeza espacial do domínio morfoclimático e fitogeográfico amazônico e especificamente listar elementos das paisagens que agem como fatores modeladores e influentes na situada dinâmica espacial sob análise.

Haja em vista o problema de avanço acelerado das práticas capitalistas de exploração de recursos naturais na região que vão desde a expropriação dos saberes tradicionais dos povos amazônidas que a indústria biotecnológica executa com tranquilidade devido ausência de fiscalização governamental, até mesmo a expansão intensiva da frente pioneira de fronteira do capital agroindustrial. Fatos que justificam a realização desta leitura para poder-se então termos em mente ao menos a noção mínima da destruição que assola a Amazônia e seus amazônidas. Daí acredita-se na

ideia de que seja necessário primeiramente um estudo de abrangência mais geral – aqui realizado e apresentado a priori neste ensaio em pesquisa da atual realidade concreta e suas marcas históricas (técnicas) – das especificidades e ordem de grandeza espacial das paisagens do domínio das terras baixas florestadas equatoriais parafraseando A’Sáber (2012).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De início a presente leitura exposta neste artigo tem como fundamentos para a análise as paisagens amazônicas nas obras de Aziz Nacib ÁSáber e Orlando Valverde construída em pesquisa interna no Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins (GEGATO). Somamos as estas leituras nos autores supracitados, as experiências em estudos direcionados de campo na área de transição entre os domínios amazônico e dos Cerrados existentes na divisa localizada ao norte do Tocantins e sudeste paraense. Ainda sendo valho dar ênfase as experiências que os pesquisadores amazônidas consigo carregam nas identidades coletivas e sociais (SCIOLLA, 2010).

Em seguida expõe-se a ideia de que o método – ou caminho a guiar-se para realização da presente pesquisa – tomado para realização deste texto é propriamente um método geográfico cuja essência consiste em seguir a aptidão própria da geografia que é a de qualificar a superfície terrestre a partir de seus diversos dados e de relações entre estes responsáveis por atribuir a cada qual suas devidas especificidades. Independentemente das preocupações das diferentes formas de organizações humanas e/ou da ocupação expressa por cada uma das ciências que se dispõem a analisar a dinâmica da natureza. Devido atermo-nos com preocupação direta com a dinâmica espacial (GEORGE, 1978)

Em termos teóricos logo priorizando-se atentar à categoria paisagem enquanto “herança”:

[...] Na verdade, ela é uma herança em todo sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. [...] Num primeiro nível de abordagem, poder-se-ia dizer que as paisagens têm sempre o caráter de heranças de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente. [...] Por sua vez, os processos remodeladores são relativamente modernos e mesmo recentes, [...]. [...] Num segundo plano de abordagem, é indispensável ressaltar que as nações herdaram fatias – maiores ou menores – daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica.

Mais do que simples *espaços territoriais*, os povos herdaram paisagens e ecologias, pelas quais certamente são responsáveis, ou deveriam ser responsáveis. Desde os mais altos escalões do governo e da administração até o mais simples cidadão, todos têm uma parcela de responsabilidade permanente, no sentido da utilização não predatória dessa herança única que é a paisagem terrestre. (AB'SÁBER, 2012, p. 9-10).

Em questão de metodologia a presente proposta, de modo central, estruturou-se na busca de romper com a apreensão apenas físico-descritiva das paisagens, transcendendo à perspectiva que se possa ter com a construção de estudos das relações socio-ambientais presentes na formação do espaço geográfico a partir da totalidade; contraditória e dialética da interação sociedade e natureza compreensível, acredita-se, com aplicação de metodologia em geossistemas.

“[...] Com efeito, o geossistema é um complexo essencialmente dinâmico mesmo em um espaço-tempo muito breve, por exemplo, de tipo histórico. O “clímax” está longe de ser sempre realizado. O potencial ecológico e a ocupação biológica são dados instáveis que variam tanto no tempo como no espaço [...]” (BERTRAND, 2004, p. 147).

Retomando a metodologia proposta por Georges Bertrand (2004, p. 141) seria equivalente a entender que:

“[...] paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. [...] não se trata somente da paisagem ‘natural’ mas da paisagem total integrando todos as implicações da ação antrópica.

Analisar a paisagem a partir do “geossistema” nos abre um leque de possibilidades de estudo e compreensão do espaço geográfico. Possibilidades que vão adiante da velha leitura estável e descritiva de fração do acontecer espacial. Mostramos que este é dinâmico e que a paisagem, como bem retrata Bertrand (2004, p. 141), nos possibilita certa leitura dialética desta situação para além da descrição dos elementos físicos, mas não dispensando estes pois apontando que situação se manifesta da relação sociedade-natureza cuja parcela visível pode ser aprendida com estudos geográficos mediados pelo conceito de paisagem.

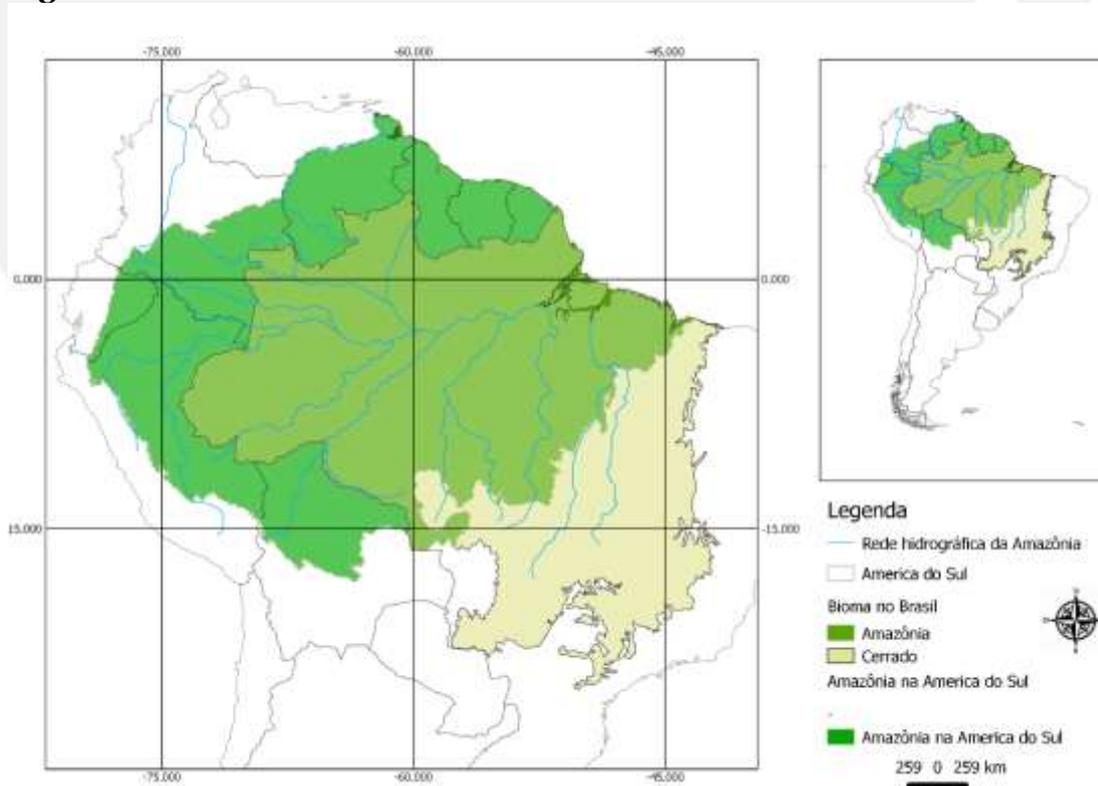
De fato, para análise visível da realidade concreta acredita-se que conceituar paisagem com base na ideia desta enquanto resultado de relações dinâmicas

entre elementos biológicos, físicos e humanos; independente da variabilidade de vertentes diferenciadas que se dedicam a tal exercício de estudo e pesquisa dos elementos convergentes à análise: são os mesmos em variadas vertentes. Visto isto pois paisagem refere-se ao aspecto visível apreendido da dinâmica espacial regente. Resultado dos eventos que organizam relações sociedade-natureza. Por ter o espaço geográfico caráter mais abstrato de totalidade total, à paisagem atribui-se o sentido de parcela e/ou fração sensível (MAXIMIANO, 2004).

ESPECIFICIDADES E ORDEM DE GRANDEZA ESPACIAL DAS PAISAGENS DO DOMÍNIO DAS TERRAS BAIXAS FLORESTADAS EQUATORIAIS

Dado a ordem de grandeza do Domínio florestado amazônico, Ab'Sáber (2012) preferiu chama-lo de “macrodomínio”, o que outros autores chamam de “megadiversidades”. A área é uma extensão territorial na América do Sul de 7.700mil km² (mapa 01), sendo 5mil km² no território brasileiro de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais –INPE.

Figura 01 – Domínios da floresta Amazônica na América do Sul.



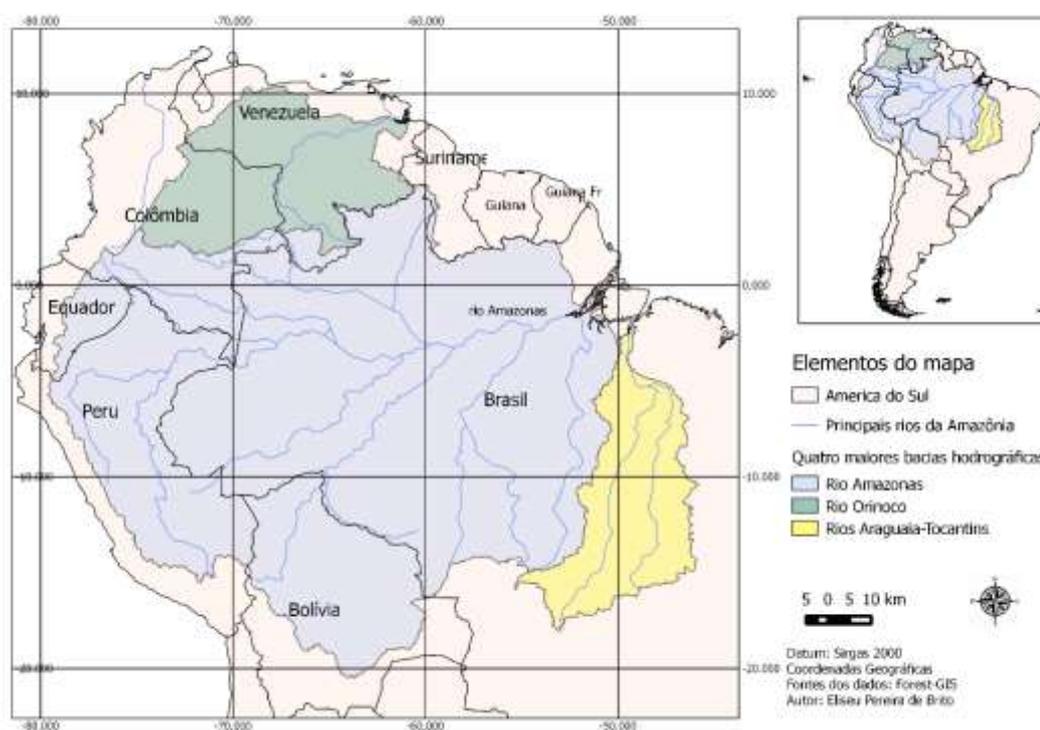
Organização: os autores, 2020. Base do MapBiomias.

Em uma área intertropical, com dinâmica climática do sul e norte da linha do Equador, com variação de temperatura muito baixa e isothermas oscilando em temperaturas máximas entre 36 a 40°C, a área tornou-se um ambiente propício para o desenvolvimento da biota vegetal. O balanço energético, com alta recepção de calor do sol somado a elevados índices de pluviosidades que incide sobre a floresta permitiu a grandeza do domínio tanto em extensão de área como em biodiversidade.

Do sopé oriental da cordilheira dos Andes ao vale da bacia do rio Mearim no Maranhão, a floresta é banhada por alguns rios importantes como a bacia do Orinoco, do Amazonas, do Araguaia-Tocantins e do Paraguai (mapa 02). A bacia Amazônica, em ordem de grandeza é a maior em extensão e também em volume de água e número de afluentes, totalizando 6.925.674 km², sendo 63% dessa área no território brasileiro e 37% em territórios da Colômbia, Peru, Bolívia, Venezuela e Guiana.

A bacia do rio Orinoco que soma 920.000km², a dos rios Araguaia-Tocantins, inteiramente em território brasileiro estende por uma área de 803.250km², a bacia do rio Paraguai cobre uma área de 365.592km² são bacia hidrográficas que drenam áreas da floresta Amazônica. O regime hídrico dos rios em quase sua totalidade é pluvial proporcionado pela grande incidência de chuvas que precipitam sobre a floresta.

Figura 2 – As três principais bacias que drenam áreas da floresta Amazônica.



Organização: os autores, 2020.

Isto, graças as precipitações anuais na ordem de 1600 a 3600mm, distribuídas em três núcleos de alta pluviosidade, com ocorrência de algumas transversais de atenuação pluviométrica. Devido esta complexidade paisagística tornou-se possível engendrar e autopreservar o grande contínuo de florestas biodiversas que se estende pelo território amazônico total.

De tal forma para situar as características climáticas da Amazônia abordamos o que Schmidt (1942) situa como climatologia moderna, “[...] procurando determinar com a maior precisão possível a correlação que existe entre essas variações e os aspectos naturais da vegetação e do solo” (1942, p. 468). Dentre as classificações atuais dos cientistas da vertente de classificação do clima o austríaco Wladimir Köppen publicou no início do século XX seu sistema à classificação climática. A flexibilidade deste sistema de classificação de climas devido a abertura que se tem para inserção de alterações climáticas regionais. Da referida classificação se tem para zonas equatoriais de baixa latitude a presença de clima do grupo A (climas úmidos tropicais); tipos: 1-florestas tropicais (**Af**-constatemente úmido, **Am**-chuvas do tipo monção) e 2-savanas tropicais (**Aw**-verão úmido, inverno seco).

Os tipos de clima Af e Am encontram-se nas partes mais baixas e mais chuvosas da bacia amazônica, assim como nas vertentes expostas aos ventos úmidos provindos do mar. São as regiões das florestas tropicais. Aw abrange grande parte dos planaltos e das duas enconstas, onde dominam as savanas tropicais (campos, cerrados e caatingas). Cw é encontrado nas regiões mais elevadas dos planaltos e nas montanhas das baixas latitudes, onde a temperatura média do mês mais frio desce abaixo de 18°C (SCHMIDT, 1942, p.477).

Segundo Mendes (2012, p. 68-69) como consequência desta variabilidade climática o domínio morfoclimático amazônico conta com formação geológica diversificada que se inicia há cerca de três bilhões de anos, período Arqueano quando a “crosta continental oceânica foi rompida em várias partes e formou um mosaico de placas que se chocaram entre si, formando uma crosta continental nova”, com ocorrência posterior de “subseqüentes eventos tectônicos distensivos e compressivos” que consolidaram o continente amazônico até a era Proterozóica.

A partir de 2,5 bilhões de anos iniciou-se o ciclo Transamazônico em era do eon Proterozóico, pode-se apontar três períodos em especial marcados na formação geológica em seguida: **1)** ocorrência de processos divergentes onde o continente se

parte gerando uma grande bacia possibilitando a instalação do mar; **2)** há cerca de 2,19 a 2,13 bilhões de anos a movimentação tectônica muda de divergente para convergente; prevalecendo logo mais **3)** entre 2,07 e 1,95 bilhões de anos o metamorfismo e a fusão parcial. Sendo que no final do ciclo denominado de transamazônico tinha-se formado 60% do continente. Ainda se tem também o ciclo chamado Uatumã entre 1,8 e 1,6 bilhões de anos com ocorrência de novos eventos divergentes que causam quebraamentos do continente amazônico, mas não suficientes para fragmentá-los; logo em seguida com expansão no lado Oeste, entre 1,6 a 1,0 bilhões de anos, com novos choques de placas e novos processos de subducção da litosfera oceânica com formação de arcos magmáticos. Adiante no Fanerozóico – com continente então consolidado – “movimentos tectônicos de afastamento rompem o continente” e o partem em dois formandos, assim, grandes fissuras e vastas bacias sedimentares como a do Amazonas e a do Solimões (MENDES, 2012, p. 70-73).

Em sua geomorfologia geral os complexos paisagísticos amazônicos apresentam formação de bacia sedimentar, várzea (que são planícies de inundação sazonal) e terra firme além das terras sempre alagadas que comportam as matas de igapó. Com cerca de noventa e cinco por cento de terras baixas ora semiplanas outrora semi-onduladas formando vasto conjunto de colinas, “baixos platôs, morros e serranias interfluviais extensivamente recobertas por densas florestas biodiversas, onde ocorrem maciços bem individualizados, com florestas no entorno e cimeiras campestres localizadas” (AB’SÁBER, 2005, p. 11), contendo áreas mais enrugadas, com regiões de morros e serras interfluviais menores, mas florestadas em geral.

Particularmente os solos da Amazônia são em maior parcela pobres em nutrientes, necessitando de correção para instauração produção agrícola. Há excepcionalidade dos solos suficientes de nutriente para atividades agrárias que são os neossolos flúvicos: zonas de várzea cuja “razão de ser dessa fertilidade excepcional da planície, apesar do dédalo de lagos, está relacionada com o transito dos sedimentos que vêm desde os Andes ou pré-andes, atravessando várias regiões de formações geológicas” (AB’SÁBER, 2005, p. 12); e os relacionados a ocorrência de rochas basálticas nitossolos e luvisolos eutróficos das terras popularmente conhecidas com “terras roxas”, além das manchas de solos férteis de horizontes A, ricos em materiais orgânicos que são as “terra preta de índio” onde estão presentes restos variados de cerâmica indígena. (LEPSCH, 2002, p. 125).

AS ÁGUAS DA AMAZÔNIA

Adiante na leitura da ordem de grandeza espacial das paisagens das terras baixas florestadas equatoriais, salienta-se que a partir de estudos em Limnologia (estudo das águas), apresentados por Sioli (2006) com base na coloração e composição bioquímica dos rios da Amazônia, faz-se crer que três principais grupos existem; a saber: os rios brancos, rios negros e rios claros.

Os primeiros seriam aqueles que descem da cordilheira dos andes e carregam grandes volumes de materiais sólidos responsáveis por formar as várzeas, são turvos e ainda mais em períodos de cheia, arrastando compostos de vegetação mumuré e capim Canarana drenados em terras firmes, como ocorre no Solimões; em seguida temos os rios de águas escuras – como o exemplo do rio de nome propriamente rio Negro devido sua coloração e sua composição rica de matérias orgânicas e isenta de carga sólida – que nascem no tabuleiro Terciário guiano e de águas puras tomando essa coloração devido presença de significantes quantidades de ácido húmico produzido da decomposição da matéria orgânica morta e dissolvido em suas águas, sendo que este ácido é secretado por plantas além de passar para lençóis d'água e, posteriormente, para as nascentes, por ação de lixiviação; e, por fim, lista-se aqui os rios de águas claras advindos dos planaltos cristalinos, de coloração transparente na vazante, porém, de cor esverdeada no período de cheia devido grande quantidade de partículas de musgo em suspensão na água nessa época que são arrastadas das regiões florestadas, como ocorre na região da terra do meio banhada pelas águas do Xingu (SIOLI, 2006; VALVERDE, 1992).

Há de se ressaltar a existência dos cursos navegáveis da Amazônia, estimados em cerca de vinte mil quilômetros, além de saída livre Atlântico adentro, formando um verdadeiro mar doce que em seu encontro junto as águas salinas geram o fenômeno popular e cientificamente chamado de a “pororoca”. Todavia, em meio a essa vastidão hidrológica destacam-se os igarapés que, seccionando vertentes e cruzando várzeas florestadas; caminhos de canoa abertos ora por transbordamento, ora por rebaixamento rápido de rios; são estradas líquidas julgadas como fator primordial no que diz respeito à ocupação indígena amazonense. Para Aziz N. Áb'Sáber os igarapés são rios de pequenas grandezas que drenam a floresta e estão predestinados a ficar em

escuridão, sem a luz solar devido os dosséis das arvores que cobrem as águas de seus canais.

Além desses aspectos morfoclimáticos e limnológicos mencionados Ab'Sáber acrescenta que:

[...] A despeito da rasura das terras baixas regionais e do labirinto hidrográfico nelas embutido ou a elas associado, existem notáveis visuais, no conjunto das paisagens amazônicas, a partir das pequenas elevações dos tabuleiros e seus terraços. Verdadeiros mares de água doce, emoldurados pelas exóticas pinturas de tons escuros do céu amazônico. Vultos de ilhas fluviais florestadas, e o notável espetáculo do pôr do sol na rasura das réstias de terra, que sublinham indefinidamente o horizonte. Fora das terras baixas, alguns quadros de exceção, nas altas econstas florestadas dos blocos montanhosos, onde a floresta interpenetra os picos e se fixa nas grimpas da montanha (Serra dos Carajás). As serranias fronteiriças, com suas formas bizarras, inseridas em áreas de grandes enclaves de cerrados e campestres, e por parte revestidas por densas matas de encosta (AB'SÁBER, 2012, p. 14).

A VIDA NA FLORESTA

Consultando Valverde (1992) e Becker (2015), pode-se afirmar que existem na hileia amazônica infinitas e complexas associações de forma de vida. Sendo considerada a região de maior “repositório de seres vivos da Terra”. Somando cerca de um milhão e quinhentos mil a dois milhões de espécies entre fauna e flora, porém com apenas quinhentos mil catalogadas taxonomicamente em média. Os microorganismos de vegetais inferiores como: fungos, cogumelos, líquens e musgos é praticamente infinita. Nesse todo acredita-se conter 20% de toda biomassa do planeta terra com volume da ordem que varia entre 600 e 1000 m³/há.

Em termos de ecologia florestal o domínio amazônico se destaca pelas formações que comportam florestas ombrófilas densa situadas em terra firme, com as então formações de várzea e as matas de igapó. Além de alguns redutos de vegetação do passado; *Cerrados*: de Monte Alegre (PA), Amapá, e “miniredutos de cerrado no meio dos campestres de Roraima” (AB'SÁBER, 2005, p.8). Ao modo que neste todo complexo “os processos de fotossíntese auto sustentadores da vida vegetal, assim como o fornecimento de águas para a hidratação dos solos e das plantas, dependem da associação entre calor, a umidade e as chuvas, entrosados com a luminosidade e a energia solar” (AB'SÁBER, 2002, p. 15).

As **matas de terras firmes** estão situadas nas áreas mais elevadas, que não são atingidas pelas inundações amazônicas. Aí encontram-se o dossel das árvores de grande porte, com 60 a 65m de altura em média. A floresta é compacta e o conjunto das copas das árvores é contínuo e o ambiente é úmido e escuro. **Matas de igapó** por assim dizer são as que localizam-se nas áreas de inundação permanente, de solos e águas ácidas. A vegetação não perde as folhas durante o ano e possui ramificações baixas e densas, de até 20 metros de altura com arbustos, cipós e epífitas. Já as **várzeas** da Amazônia localizam-se nas áreas de inundação periódica (sazonal), junto aos rios de água branca. Sua vegetação varia de acordo com o período de inundação e também pode apresentar espécies de maior porte, como a Seringueira.

Estão presentes cerca de trinta milhões de espécies animais na região amazônica, não situando as ainda não catalogadas. Em território brasileiro há ao menos “311 mamíferos, 1.300 aves, 273 répteis, 232 anfíbios e 1800 peixes continentais”. Nas águas dos rios encontra-se mamíferos como o peixe-boi da Amazônia, os botos cor-de-rosa e o tucuxi, além de ariranhas e lontras. Nos domínios das florestas pode-se encontrar onças pintadas (ameaçadas de extinção), tamanduás, e uma quantidade variada de primatas como as guaribas, o macacos-prego e os macacos-aranha. De acordo com ICMBio o bioma abriga quantidade referente à 10% das espécies de primatas existentes no mundo. “Há uma grande diversidade de peixes no bioma, como o pirarucu, piranha, piramboia, peixe-borboleta, enguia elétrica, e arraias. A variedade de peixes é tão grande, que o bioma contém 85% das espécies de toda a América do Sul, são aproximadamente 2.000”. Répteis também são espécie abundante na Amazônia: jacarés, tartarugas, lagartos e serpentes (ISPN, 2020)³.

No ambiente das paisagens amazônicas se tem disponível o peixe, a água para beber e cozinhar, nesse lugar se desenvolvem palmáceas frutíferas prontas para alimentar as civilizações das margens. Inúmeros recursos soam a favor da evolução humana nesse domínio paisagístico, heranças naturais erroneamente utilizadas para fazer do seringueiro um peão das selvas a servir os seringalistas. Peculiarmente falamos de um “macrodomínio” cujas características naturais – desenvolvidas ao longo de alguns milhares de anos – proporcionaram aos *sujeitos* os mais ricos lugares para o engendrar de suas diversas culturas.

³ Bioma amazônico: Fauna e Flora. In: Instituto Sociedade, População e Natureza (2020). Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/fauna-e-flora-da-amazonia/>.

Única em ordem de grandeza espacial específica de um macrodomínio equatorial. Fruto de uma imensa bioheterogeneidade proveniente de um complexo paleoclima. Tem-se como resultado dessa dinâmica a Amazônia:

[...] cinturão de máxima diversidade biológica do planeta – que tornou possível o advento do homem – a Amazônia se destaca pela extraordinária continuidade de suas florestas, pela ordem de grandeza de sua principal rede hidrográfica e pelas sutis variações de seus ecossistemas, em nível regional de latitude. Trata-se de um gigantesco domínio de terras baixas florestas, disposto em anfiteatro, enclausurado entre grande barreira imposta pelas terras cisandinas e pelas bordas dos planaltos Brasileiro e Guianense. (AB’SÁBER, 2012, p. 63).

Essa precisa descrição das paisagens amazônicas encontram-se nos escritos de Ab’Sáber, ao dissertar sobre *Amazônia brasileira: um macrodomínio*, em *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*, inicialmente publicado no ano de 2003. Onde, em minuciosa abordagem, o autor revela estas singularidades presentes nesse ecossistema morfoclimático e fitogeográfico equatorial, bem como a evolução do humano deste complexo paisagístico. Alertando, por final, a degradação deste em detrimento do lucro de poucos considerados exógenos com relação ao local-regional. A partir desse pensamento levanta-se a problemática de indagarmos como as paisagens da Amazônia se expressam e podem ser descritas hoje dada “metástase de sistemas predatórios, com eixos lineares, tendentes à expansão lateral, além da visível e irrefreável coalescência da devastação?” (AB’SÁBER, 2012, p. 73).

Prerrogativas cujas respostas se materializam numa realidade concreta – da fusão entre os meios natural e humano à formação do espaço geográfico de fato – descrita, no caso aqui analisado, por paisagens de historicidade dum “caótico quadro de produção de espaços antrópicos sobre as heranças da natureza na região” (AB’SÁBER, 2012, p. 72). Verdadeira sobreposição das vontades capitalistas de mercado e de sistema de produção ao lugar que naturalmente ofertou um ambiente propício à evolução da sociedade amazônida.

O HOMEM NA FLORESTA

Inicialmente situa-se nos grandes campos de várzea, planícies de inundação e extrema fertilidade, o fenômeno de ocupação onde o sujeito começa a ganhar estabilidade e a evoluir sua sedentarização, após sua chegada ao continente sul

americano, – formando ricos espaços geográficos da íntima interação dos meios natural e humano – graças à prática de culturas, como, excepcionalmente, de espécies de batatas ricas em aminoácidos, portadores de vitaminas propícias para ajudar na evolução dos sujeitos, combatendo a desnutrição dos mesmos e possíveis de plenitude nos campos parcialmente alagados e arenosos.

Paisagens de estrutura complexa encontradas nos domínios morfoclimático e fitogeográfico amazonenses, em que

[...] una adaptación adecuada, para él, sería la desarrollada por grupos de agricultores que llegan y utilizan las zonas de várzea. Allí se encuentran los mejores suelos para la producción agrícola. El uso de estos suelos crearía recursos y a su vez estos recursos estimularían el aumento de la población. (MORA, 2011, p. 46).

Gerada uma superpopulação com transcorrer do tempo, engendrada em ambiente de estabilidade proposta pelas variáveis recursos deste solo totalmente fértil, a grande esfera populacional – criada na paisagem ora inundada, ora não, por sua localidade às margens de rios –, por sua vez, segundo Santiago Mora (2011), gerou diversos conflitos objetivados na conquista das terras mais férteis que levariam a sobrevivência do lado vencedor. Posteriormente remetendo o lado perdedor do conflito a aventurar-se terras firmes adentro. Fenômeno fundamental na criação de “una economía basada en la caza y la recolección” (MORA, 2011, p. 46). Eis que nos deparamos com a dual formação de civilizações nas paisagens amazônicas.

Outrora os grupos habitantes das densas matas se deparam em um cenário de dependência dos agricultores, ou melhor, de seus aminoácidos não produzidos em áreas de terra firme. Ocasão que desenvolveu um intercâmbio cultural extraordinariamente baseado no que, em eras medievais, foi apontado nas mais diversas literaturas como escambo. Pois, “De los primeros habitantes amazónicos. Hipótesis”, Santiago Mora (2011, p. 47) formula que:

[...] antropólogos habían notado que los grupos de cazadores y recolectores de las selvas tropicales tenían un comercio intensivo con los grupos de agricultores. Los cazadores y recolectores proporcionaban a los grupos agrícolas materias primas exóticas como resinas y venenos extraídos del bosque. En general los nómadas aportaban todos estos recursos a los cuales los grupos que viven cerca de las orillas de los ríos no tienen acceso; a cambio recibirían productos cultivados, como la yuca.

Fatores primordiais para o entendimento da produção do espaço com base na metamorfose da paisagem que sujeitos presentes no passado amazônico apontam para

uma incessante troca de saberes, entre si e outrem, configurando espaços geográficos diversificados. Culturas se criam, interligam-se e adaptam-se de forma surpreendente para seu próprio ato de sobrevivência. Fenômeno que transpassa a temporalidade e se molda nas mais diversas paisagens, além de criar os mais significativos lugares, se entendermos estes como conjuntos de experiências da indissociabilidade do homem em relação com os ecossistemas amazônicos.

Pouco tempo antes do presente, ou pelo menos em contexto posterior ao citado anteriormente, temos a figura do “igarapé”, caminhos de canoa explicitados por Aziz Ab’ Sáber (2012), fundamentais para ocupação do sujeito – indígena – nas paisagens da Amazônia. Pois “seccionam vertentes e cruzam várzeas florestadas em seu baixo curso” (AB’SÁBER, 2012, p. 69), criando verdadeiras estradas líquidas que possibilitaram, mais uma vez, na história da Amazônia, o contato de diferentes culturas. Com a técnica da “igara” – embarcação elementar escavada em um único troco de árvore – desenvolvida para navegar em tais caminhos, (AB’SÁBER, 2012).

Os igarapés – diferentemente dos furos que são sempre canais fluviais sem correnteza própria e seccionando ilhas fluviais ou interligando componentes endógenos de uma planície de inundação –, em termos hidrográficos e morfológicos,

[...] são cursos d’água amazônicos de primeira ou segunda ordem, componentes primários de tributação de rios pequenos, médios e grandes. A boca dos igarapés funciona como portal de acesso ao domínio das matas. [...] Um igarapé típico é aquele que corre mansamente por um túnel quase fechado de vegetação florestal. Aléias de palmáceas alinham-se na beira dos igarapés apertados entre pequenos barrancos e a grande floresta. [...] Enquanto os rios têm suas águas correntes expostas à luminosidade do dia, o igarapé se estende pelo território das sombras. (AB’SÁBER, 2012, p. 70 - 71).

Na “mansidão das águas dos igarapés, subiam e desciam canoas transportando coisas essenciais à sobrevivência do pequeno estoque de humanidade vivente nas beiras e primeiras encostas de terra firme”, onde, de forma significativa, mas isolada do mundo exterior, os sujeitos em contexto posterior têm todo os recursos – verdadeiras oferendas da natureza – necessários à sua plenitude. Herança da natureza capaz de fazer do sujeito um ser verdadeiramente próprio de seu destino, uma vez que crianças se dedicam às brincadeiras e aos contos de histórias enquanto pescam; mulheres aos afazeres domésticos assim como os idosos; homens adultos e mais experientes herdaram o domínio das densas florestas no papel de seringueiro. “É o lugar de onde se retira o peixe, a água de beber, a água para cozinhar. Rio abaixo rio acima guardam os lugares

para o banho dos adultos, homens, e mulheres separadamente” (AB’SÁBER, 2012, p. 70-71).

Toda essa cultura herdada do indígena vira a ser dizimada mais e mais com a escravização do seringueiro ocasionada pelo seringalista, onde a dinâmica espacial começa a girar em torno da territorialização do capitalismo industrial direto responsável por fazer do sujeito um verdadeiro “peão das selvas”. Ai onde se inicia a destruição das paisagens amazônicas da escravidão do amazônida à destruição imposta pelas práticas predatórias de exploração de recursos naturais-mineralógicos nesse macrodomínio tornou-se algo rotineiro, por ser tido como alvo de um caótico ciclo de reprodução de espaços antrópicos instáveis. Uma rede irreversível de domínio e devastação dos solos e da biodiversidade dessa região.

Ações comprobatórias das necessidades de planos com zoneamento ecológico e econômico cuja caracterização – visualizando seus quatro agrupamentos regionais amplos subdivididos em 25 áreas segundo sua ordem de grandeza espacial, conforme apresenta Ab’Sáber (2012) – almeje a preservação de suas bio-diversidades naturais e culturais. Transpassando as ideias simplistas onde desenvolvimento é sinônimo de destruição do macrodomínio amazônico e suas peculiaridades.

Atualmente visualiza-se um quadro de destruição intensiva do domínio morfoclimático e fitogeográfico das terras baixas florestadas da Amazônia que vem se perpetuando com forte intensidade exploratória dos recursos naturais da região, com expansão acentuada nas últimas cinquenta décadas desde a abertura da rodovia PA-150 na região do trecho de ligação sul-norte oriental da Amazônia (paraense). Com eixos de devastação na média de 50 quilômetros nas bandas do eixo retangular em torno da rodovia, com estilo replicado nos caminhos perpendiculares chamados de ramais e seus respectivos sub-ramais perpendicularmente implantados engendrando o circuito de devastação em espinhelas-de-peixe. Soma-se essa tragédia a abertura de linhões mantida sob controle de proprietários fazendeiros que arrancam para si o domínio dos interiores da sela amazônica.

Restando a somatório acrescentar o **arco da devastação** (AB’SÁBER, 2005) de escala regional mais abrangente (Norte do Mato Grosso, Rondônia, norte do Tocantins e sul-sudeste do Pará) e responsável por representar a zona de maior devastação e de maior potencial de degradação do domínio das terras baixas florestadas equatoriais devido intensiva expansão de práticas exploratórias e recursos madeireiros e implantação de vastos campos para atividade agrária pastoril e

recentemente a também implantação de lavouras de soja, como caso da região de Santarém no oeste do estado do Pará.

O espaço total da Amazônia atualmente é marcado pela disputa em fronteira de dois principais capitais econômicos. Ora o capital biotecnológico, nacional, ou internacional como na maioria das vezes; o capital Agroindustrial da soja e pecuária, principalmente, que atuam num mar de terras, o latifúndio. De um lado as grandes empresas de cosméticos, a exemplo, apropriam-se das essências naturais já utilizadas nos saberes dos povos amazonenses, sem falar, também, do grande furto cultural que ocorre através do domínio dos saberes medicinais naturais desses povos, por vezes aderido por indústrias farmacêuticas exteriores. Verdadeira fronteira do capital natural. Uma realidade onde a economia minoritária capitalista prevalece sobre as culturas tradicionais existentes nessa região. Paralelamente os grandes latifundiários, envolvidos em práticas de grilagem, quando não atuando por meio de coação velada sobre o poder governamental, poucas vezes agindo por vias legais, criam um caótico espaço de predação do meio natural com práticas irreversíveis de destruição sobre este. Tudo pela engorda do gado ou por uma produção de grãos em escala internacional de exportação.

CONSIDERAÇÕES

De dimensões continentais, de grandeza em biodiversidades, águas, solos, história e culturas, escrever sobre a Amazônia sempre se torna um desafio para um pesquisador. Por mais que seja uma região a bastante tempo estudada, o conhecimento que temos sobre ela é muito tenro e carece de aprofundamentos, principalmente para olhares mais holísticos e didáticos sobre a Amazônia. Neste texto buscamos construir alicerçado sobre a “paisagem como herança” um ensaio sobre a Amazônia, discorrendo sobre elementos de sua paisagem, que traduz na teoria de domínios de paisagens, um macrodomínio devido sua ordem de grandeza na América do Sul. A construção perpassa por uma revisão de literaturas e por práticas docentes e vivências com as geografias da Amazônia.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 5-30, 2002.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Dossiê Amazônia brasileira I. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 3-35, 2005.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 7. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **Ra'Ega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, dez. 2004.

BECKER, Bertha K. **As Amazônias de Betha K. Becker**: ensaios sobre geografia e sociedade na região amazônica: vol.3. Ima Célia Guimarães Vieira (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

GEORGE, P. **Os métodos da Geografia**. (tradução: Heloysa de Lima Dantas). Rio de Janeiro-São Paulo: DIFEL, 1978.

LEPSCH, I. F. **Formação e conservação dos solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de Paisagem. **Revista Ra'Ega**, Curitiba-PR, n. 8, p. 83-91, 2004.

MENDES, R. A formação geológica da Amazônia: uma visão elementar. In: PELEJA, José Reinaldo Pacheco; MOURA, José Mauro Sousa, orgs. **Estudos Integrativos da Amazônia – EIA**. São Paulo: Acquerello, 2012. p. 54-80. (Coleção Diálogos Interdisciplinares; 1).

MORA, Santiago. De piedra y semillas: los nómadas amazónicos y su historia. In: ECHEVERRI, Juan Alvaro (orgs). **Amazonia Colombiana: imaginários y realidades**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011. p. 42-53.

SCHMIDT, J. C. J. O clima da Amazônia. **Revista brasileira de Geografia**, v. 4, n. 3, p. 465-500, 1942.

SCIOLLA, Loredana. **L'identità a più dimensioni: il soggetto e la trasformazione dei legami sociali**. Roma, Itália: Ediesse, 2010.

SIOLI, H. 50 anos de pesquisas em limnologia na Amazônia. **Acta Amazônica**, v. 36, n. 3, p. 287-298, 2006.

VALVERDE, O. A Amazônia: o meio ambiente. In: PARÁ. **Secretaria de Estado de Educação**. Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas e temas especiais. 2 ed. Belém: CEJUP, 1992, p. 57-70.